

UM EXPERIMENTO DE TIPOLOGIA PARA ELEMENTOS  
CULTURAIS ESPECÍFICOS APLICADO AO  
VOCABVLARIO DA LINGOA DE IAPAM<sup>251</sup>

Michele Eduarda Brasil de Sá (UFMS e PNAP-FBN)  
[michele.eduarda@ufms.br](mailto:michele.eduarda@ufms.br)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre os *culture-specific items* (traduzidos livremente como “elementos específicos de uma determinada cultura”) da língua japonesa para a portuguesa, aplicado ao *Vocabvlario da lingoa de Iapam* – dicionário japonês-português publicado em Nagasaki em 1603, de autoria coletiva de um grupo de padres jesuítas, que também costumavam atuar como tradutores e intérpretes. O volume que se encontra no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, foi reconhecido pelos professores pesquisadores Eliza Atsuko Tashiro Perez (USP) e Jun Shirai (pesquisador visitante da USP) em 2018 e é o quarto exemplar do *Vocabvlario* existente no mundo – pelo menos, que se saiba até agora. São apresentadas algumas estratégias utilizadas pelos lexicógrafos no que propusemos chamar inicialmente de entradas específicas – as palavras da língua-fonte que não possuem correspondente na língua-alvo. A problematização surgida destas tipologias em relação ao *Vocabvlario* faz emergir a formulação de uma denominação e uma tipologia própria, apresentada neste trabalho.

Palavras-chave:  
Dicionários. Tradução. Entradas específicas.

ABSTRACT

This paper presents a study on the translation of culture-specific items from Japanese into Portuguese, applied to the *Vocabvlario da lingoa de Iapam* – a Japanese-Portuguese dictionary published in Nagasaki in 1603, collectively authored by a group of Jesuit priests, who also used to act as translators and interpreters. The volume, which is in the collection of the National Library in Rio de Janeiro, was found by the researchers Eliza Atsuko Tashiro Perez (USP) and Jun Shirai (visiting researcher at USP) in 2018 and is the fourth existing copy of the *Vocabvlario* in the world – at least to our knowledge so far. Some strategies used by lexicographers are presented in what we initially proposed to call specific entries – the source language words that have no correspondent in the target language. The problematization that arose from these typologies concerning the *Vocabvlario* gives rise to the formulation of a denomination and a typology of its own, presented in this paper.

Keywords:  
Specific Entries. Dictionaries. Translation.

---

<sup>251</sup> A pesquisadora é bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (PNAP-FBN 2020) e a publicação deste trabalho conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio do edital Mulheres na Ciência 2021 (Prop/UFMS).

## 1. Introdução

O trabalho de descrição de línguas (nas chamadas “artes”, nas gramáticas e nos dicionários) foi sem dúvida uma grande contribuição dada pelos padres jesuítas durante o período conhecido como o das Grandes Navegações. No mesmo caminho que os comerciantes portugueses e espanhóis que se lançaram nas expedições marítimas, os jesuítas obedeciam à sua Grande Comissão, para cumprirem o que julgavam ser seu propósito. O esforço de descrição das línguas até então não conhecido foi feito pelos padres, não pelos comerciantes ou pela Coroa (Cf. ASSUNÇÃO, 2011, p. 15). O trabalho linguístico que fizeram em várias partes do mundo é digno de nota, embora logicamente marcado por uma visão eurocêntrica.

Os portugueses foram o primeiro povo europeu com que os japoneses tiveram contato significativo. Na época, o Japão se via em situação política muito insegura, em pleno período de guerra civil (*sengokujidai*, em japonês: o “período do país em guerra”). Neste contexto, um nome se destaca na produção de obras sobre a língua japonesa: João Rodrigues Tçuzzu (apelido que lhe deram os japoneses e que significa “intérprete”), assim chamado pela função que exerceu durante um considerável tempo, escreveu a *Arte da lingoa de Iapam* (1608), “1ª gramática da língua japonesa escrita na tradição europeia” (TASHIRO, 2004, p. 206), a *Arte breve da lingoa Japoa* (1620), a *Historia da Igreja em Japam* (1620–1633) e o *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum* (sem data definida), dicionário trilingue. Tudo indica que Tçuzzu também tenha contribuído para a elaboração do *Vocabvlario da lingoa de Iapam* (1603), primeiro dicionário japonês-português. No entanto, não há prova cabal que possibilite apontá-lo como um dos autores deste dicionário, que possui cerca de oitocentas páginas, contadas as suplementares, e aproximadamente trinta e cinco mil entradas. Embora não se possa afirmar nada categoricamente, é entendimento aceito que Tçuzzu tenha participado na elaboração do *Vocabvlario*.

O fato é que o referido dicionário é um trabalho em conjunto, pelo que se lê no prólogo, de padres “dos que melhor sabião a lingoa de Iapão”, com a ajuda de alguns japoneses (“naturaes entendidos nella”); constitui-se um trabalho examinado e aperfeiçoado, não uma versão breve a ser publicada com pressa, contendo apenas as informações básicas para socorrer novéis estudantes da língua.

Recentemente, a Lexicografia tem dado espaço a pesquisas sobre

o papel do lexicógrafo como autor do dicionário; as escolhas de um determinado autor (seja ele conhecido ou não, apenas um ou um grupo), bem como as informações registradas em cada verbete, dão testemunho de uma visão de língua e também de cultura. No caso do trabalho jesuíta no Japão, as questões culturais intervieram decisivamente nas atividades de ensino do evangelho; é conhecido o erro de tradução de “Deus” por *Dainichi*, que depois os jesuítas descobriram ser uma divindade pagã associada ao sol, pelo que tiveram que desdizer muita coisa, do que resultou grande confusão. Deve-se ter em mente ainda que, levando em conta as circunstâncias e o contexto histórico em que o *Vocabulário* foi elaborado, é lógico que haja patente etnocentrismo em vários verbetes.

## **2. Estrutura do vocabulário**

A primeira coisa que se percebe, mesmo a uma ligeira passada d’olhos, é que se trata de um dicionário romanizado, ou seja, escrito no alfabeto romano, sem os característicos ideogramas. Janeira (1988, p. 214) destaca que esta romanização, comum a outras artes e dicionários da mesma época, foi um “trabalho considerável de pioneiros”. Há também o cuidado em marcar as línguas com tipos diferentes. A letra normal (ou redonda) corresponde à língua japonesa; a letra em itálico, à portuguesa ou latina. A numeração é estabelecida em fólios (frente e verso de uma folha de papel), não em páginas.

Além das diferenças tipográficas (itálico para português e latim, letras redondas para japonês), as entradas em letra maiúscula e o texto em duas colunas por página facilitam a procura das palavras. Além disso, acima de cada coluna vem uma legenda indicando a posição na ordem alfabética (“A antes do B”, “A antes do C”, “A antes do D”), o que também facilita a busca. O sinal de paragrafação (§) é utilizado para apresentar exemplos, derivações e outras informações relevantes. Por exemplo:

(1) Tôdai. *Candieiro de pee de ferro, ou outro metal.* § Caquetôdai. *Candieiro que se dependura.*

(2) Ganpi. *Hũa flor vermelha.* § Item, *A erua que dá esta flor.*

Estas marcações, bem como a disposição do texto, facilitam o trabalho de quem utiliza o dicionário. Em se tratando de palavras sem correspondente em língua portuguesa, toda informação é útil e, se bem organizada, tanto melhor.

Ainda há que se destacar outro detalhe significativo, bastante útil

para ajudar na compreensão de quem recorre ao *Vocabulário*. Em japonês há palavras com leitura chinesa e leitura japonesa. Muitas vezes com os mesmos ideogramas é possível dizer a mesma coisa, sendo com leituras diferentes. Um exemplo simples é *yasumi no hi* (“dia de descanso”, “feriado”, em que *yasumi* é “descanso” e *hi* é “dia”). Com os mesmos ideogramas forma-se também a palavra *kyūjitsu* (*kyū*, “descanso”; *jitsu*, “dia”), com leitura de origem chinesa, que tem o mesmo significado. São, grosso modo, duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Ocorre que as leituras de origem chinesa são mais difíceis de memorizar e discernir, pois uma mesma leitura pode se referir a vários ideogramas (*kyū* é como podem ser lidos os ideogramas de “descanso”, “nível”, “no-ve”, “antigo”, “esférico”, “urgente” e muitos outros).

Dada esta dificuldade, algumas entradas que são palavras com leitura de origem chinesa apresentam, logo em seguida, a sua leitura japonesa, a fim de facilitar a compreensão de quem as busca. Vejam-se os exemplos:

(3) *Coji*. *Furui coto*. *Historias antigas, ou exemplos, & escrituras antigas*.

(4) *Ichiguiô*. *Fitotçuno vaza*. *Hũa obra*.

(5) *Zaicocu*. *Cunini aru*. *Estar no reino*.

Nos exemplos acima, (3) *coji*, (4) *ichiguiô* e (5) *zaicocu* são palavras cuja leitura é de origem chinesa. São seguidas, respectivamente, pelas expressões (3) *furui coto*, (4) *fitotçuno vaza* e (5) *cunini aru* (em leitura japonesa). Estas últimas funcionam como uma espécie de legenda para as primeiras – embora todas sejam, independentemente da origem de suas leituras, palavras japonesas. Elas são mais fáceis de compreender, especialmente porque, via de regra, são leituras que não costumam ser atribuídas a mais de um ideograma e, quando o são, o número de ideogramas que lhe cabem é reduzido, ao ponto de não se tornarem um elemento de dificuldade, pois não trazem probabilidade de confusão.

Vale notar que não há uma seção para palavras iniciadas em E, H, K, L, O e U. Isto acontece por causa da forma como os jesuítas transliteravam as palavras japonesas na época: palavras iniciadas por “e” eram na verdade escritas com “je” ou “ie”; palavras iniciadas por “h”, de som aspirado, eram escritas com “f”; não se usava “k”, mas “c” ou “q”; o som do “l” não existe em japonês; palavras iniciadas em “o” eram geralmente escritas como “vo”; e, por fim, o “u” era representado como “v”, como vogal. Além disso, há uma seção para I com valor de vogal e outra para I com valor de consoante.

Telmo Verdelho (1995) elogia a estrutura do *Vocabulário*, assim dizendo:

A estruturação e redacção dos artigos é um dos aspectos mais meritórios do *Vocabulário* e onde mais bem se comprova a exigente preparação académica dos autores e a sua cultivada sensibilidade linguística, sobretudo no que respeita ao conhecimento da língua portuguesa. Nele se pode recolher uma informação lexicográfica copiosa, que se observa logo à primeira vista: na escolha dos exemplos, em que integra e traduz provérbios e modismos japoneses; na abundância e precisão das paráfrases; e sobretudo nos recursos de uma porfiada aproximação semântica, em que se destaca o uso abundante da hiperonímia e da expansão sinonímica. (VERDELHO, 1995, p. 4)

Verdelho prossegue apresentando nove aspectos que, a seu ver, demandam estudo mais aprofundado da obra, dentre os quais o vasto uso de hipônimos e hiperônimos, de paradigmas derivacionais, a recorrência à latinização e o registro de formas pouco conhecidas. O oitavo aspecto é especialmente digno de atenção: “Paráfrases e textualizações, em resposta a entradas japoneses (sic) que não correspondiam ao universo verbalizado em português ou para as quais não tinha sido encontrada uma equivalência própria.” (VERDELHO, 1995, p. 6) Como os lexicógrafos davam conta de palavras sem correspondentes em língua portuguesa? Como as descreviam? Neste momento o lexicógrafo precisa ser, mais do que nunca, tradutor – tanto na acepção antiga, de alguém que transmite da forma mais econômica possível um conceito de um código para o outro, quanto na acepção atual, de um escritor hábil, que é também autor.

### **3. Do japonês ao português: a “tradução” da cultura**

No tempo em que o *Vocabulário* foi publicado, não havia propriamente nem Lexicografia nem Estudos de Tradução como áreas autonomamente desenvolvidas que munissem os lexicógrafos de instrumentos e conceitos teóricos de definição, descrição e categorização das palavras. Entretanto, isto não quer dizer que os autores do *Vocabulário* prescindissem de estratégias próprias, utilizadas com a finalidade de melhor comunicar a língua-fonte e, assim, revelar a sua cultura. Como se apresentavam, por exemplo, as definições de determinados rituais, de nomes de pratos típicos, de peças do vestuário? Isto apenas para mencionar alguns grupos de palavras em que geralmente encontramos, e em abundância, ocorrências de vocábulos da língua-fonte sem referencial na língua-alvo.

Como este tipo de palavras e expressões é frequente e evidencia o

desconhecido, a diferença e a problemática de compreender o mundo pelos “olhos do outro”, contemporaneamente já não faltam propostas de denominação para este fenômeno. Uma das propostas é chamar estas palavras e expressões de *culture – specific items* (CSI), assim definidas por Aixelà (1996, p. 58):

Aqueles elementos atualizados textualmente cuja função e conotação num texto-fonte envolvem um problema de tradução na sua transferência para um texto-alvo, sempre que este problema seja um produto da inexistência do referido elemento ou do seu diferente estatuto intertextual no sistema cultural dos leitores do texto-alvo. (AIXELÁ, 1996, p. 58 - trad. nossa)<sup>252</sup>

Autores como Newmark (2010), Davies (2003) e Pedersen (2011) partem deste mesmo entendimento, com ligeiras diferenças na terminologia. Davies (2003), por exemplo, utiliza *culture – specific references*; Pedersen (2011) utiliza a sigla ECR para *extralinguistic cultural references*, assim como Gottlieb (2009). Há ainda Leppihalme (2010), que denomina estes termos *realia*, entre outros teóricos que voltam seus olhares para este “problema” (que intencionalmente escrevo entre aspas, para relativizar um eventual aspecto negativo que lhe seja atribuído).

Estes teóricos, no entanto, conduzem seus estudos com vistas a materiais e contextos diferentes daquele em que se encontra o *Vocabvlario*. Davies trabalha a partir da tradução de livros de Harry Potter. Pedersen e Gottlieb, nos textos referenciados, focam em tradução para legendagem. Não encontramos ainda nenhum que tenha teorizado sobre o assunto a partir de um dicionário. Alguns deles apresentam suas próprias tipologias para CSI, em grupos de palavras de acordo com o referencial interno e/ou externo, mas nenhuma delas parece definitiva, nem adaptável a uma análise que tenha como objeto um dicionário japonês-português do século XVII.

Apresentamos, assim, uma tipologia tentativa para os “elementos culturais específicos” do *Vocabvlario da lingoa de Iapam*, juntamente com alguns exemplos. Dada a natureza de nosso objeto, nós chamaremos estas palavras de entradas específicas, porque estão registradas em um dicionário, diferentemente dos termos estudados pelos pesquisadores mencionados anteriormente, observados dentro de um (con)texto.

---

<sup>252</sup> No original: “Those textually actualized items whose function and connotation in a source text involve a translation problem in their transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text.”

#### **4. Entradas específicas – rol preliminar**

Para este trabalho, denominamos entradas específicas as palavras de entrada de um dicionário bilíngue (ou plurilíngue) em uma determinada língua-fonte que não possuem correspondente próximo ou referência cultural na língua-alvo. Diz-se correspondente próximo porque “equivalente” não seria de fato possível e apenas “correspondente” da mesma forma poderia pecar por inexatidão.

Para exemplificar, selecionamos algumas destas entradas e as apresentamos em seguida, nas subseções que correspondem às categorias sugeridas para uma tipologia tentativa.

##### **4.1. *Objetos***

Entradas que se encaixam nesta categoria são bastante representativas do que sejam “entradas específicas”: como se referem a objetos típicos do Japão (logo, não conhecidos dos europeus), é preciso oferecer uma explicação, ainda que superficial, acerca do que se trata.

(6) Bonsan. *Hũa pedra, ou pao tosco que os Iapões concertão a maneira de ilheozinho com musgos verdes, &algũa arvorezinha alli plantada, &c.*

(7) Gueta. *Hũschiripos feitos ao modo de Iapão muito baixos.*

(8) Guin. *Hũafolhasinha como de vidro, ou cristal que poem nos perfumadores sobre a cinza quente, & sobre esta folha que às vezes he de prata, ou ouro, poẽ o cheiro, aguila, &c.*

(9) Qendai. *Certa estante que serve de pòr o livro.*

Observando estes exemplos, é possível começar a refletir sobre o que os lexicógrafos consideravam explicação suficiente. Imagina-se que o *Vocabulário* seria utilizado não em Europa, mas no Japão, por pessoas que já estivessem em situação de imersão cultural. As entradas (6) *bonsan* e (8) *guin* demandam uma explicação mais minuciosa, mais descritiva. Já (7) *gueta* e (9) *qendai* dispensam maiores detalhes, pois, ao se ler “chiripos” (ou seja, tamancos) e “estante”, vemos duas palavras que já são conhecidas. Desta forma, não é preciso dizer para que servem (finalidade) nem de que são feitos (materialidade).

##### **4.2. *Natureza***

Também esta categoria é abundante, pois há várias plantas, frutos

e animais antes desconhecidos dos portugueses, por serem típicos da Ásia – alguns restritos ao Japão.

- (10) Fototoguisu. *Hum pássaro afei chamado que canta com voz triste, & saudosa.*
- (11) Imori. *Hum bicho como osga, ou lagartixa peçonhenta.*
- (12) Maje. *Vento Sul. No Ximo se diz, Faye no kaje.*
- (13) Momigi. *Folhas velhas que na arvore se fazem vermelhas no Outono. ¶ Per met. Cauonimomigiuchirasu. Fazerse o rosto vermelho de ira, ou vergonha.*
- (14) Tôgua. *Abobora, ou combalenga.*
- (15) Zzugani. *Cangrejo que tem cabelos nos pés.*

Hoje o (10) *hototogisu* (*fototoguisu*, na grafia do *Vocabulario*) já tem seu nome traduzido para “cuco-pequeno”, porém os portugueses não conheciam a espécie na época em que o *Vocabulario* estava em elaboração. Daí a descrição pelo tom do canto do pássaro. O (11) *imori*, um tipo de salamandra, vem com uma comparação: “como osga, ou lagartixa peçonhenta.” Diferente da *kabocha* (“abóbora moranga”), que não é registrada no dicionário, (14) *tôgua* é a abóbora d’água, verde e comprida, também chamada de combalenga, por sua vez conhecida como abobrinha. Características físicas também ajudam: (15) *zzugani* é um caranguejo, mas não qualquer um – possui uma espécie de pêlos que cobrem a parte inferior das patas.

No verbete (12) temos algo interessante, que foi verificado em outras palavras; registra-se o significado (no caso, “vento sul”, nada característico apenas do Japão) seguido da expressão “no Ximo se diz”. A palavra “Ximo” se refere às regiões distantes da capital. Logo, percebe-se aqui a preocupação do lexicógrafo de dar como informação um exemplo de variação linguística. Para os jesuítas que estavam atuando longe da capital, talvez (12) *maje* seja uma palavra totalmente nova, todavia é provável que *faye no kaje* possa fazê-los compreender exatamente do que se trata.

O verbete (13) *momigi* nos dá outros dados. O primeiro deles, relativo à grafia, aponta para o fato de que a transliteração com “j” de hoje

já pode ter sido com “g” na época.<sup>253</sup> Outra observação importante é o registro de uma expressão idiomática com o uso da palavra *momigi* (sinalizada com a locução latina *per metaphoram*).

### 4.3. *Religião*

É de se esperar que vocábulos do campo semântico da religião sejam abundantes em uma obra desta natureza, com os objetivos que a embasam. Apenas esta categoria já ensejaria um esforço próprio de pesquisa, e mesmo assim seria um grande volume de trabalho. Mencionamos alguns exemplos curiosos:

- (16) Acuma. i. Tengu. *Diabo*.
- (17) Arai yone. *Arroz já pilado, & lavado, que se oferece diante do Cami*.
- (18) Bonzô. i. Curai naqiiyaxiqiso. *Religioso commum, & sem dignidade*.
- (19) Buppô. Fotoqenonori. *Leis, ou doutrina dos Fotoques*.
- (20) Chidoron. *Nome de hum livro que fala do Buppô*.
- (21) Daima. Vôqinatengu. *Grande Diabo*.
- (22) Gobô. *Bonzo, ou religioso. Falando com respeito*.
- (23) Mamoribotoqe. *Fotoqe que guarda, ou que se traz ao pescoço por reliquia*.

O *tengu*, que é uma figura do folclore japonês, não é equivalente ao diabo na religião cristã. Ele assume diferentes características de acordo com a região, geralmente mais associado ao que se entende por “duende” hoje. São conhecidos por pregarem peças nas pessoas, mas também são mencionados como gênios peritos na arte militar (FRÉDÉRIC, 2008, p. 1163). Não obstante, o *Vocabulário* associa (16) *acuma* e (21) *daima* ao *tengu*, e este, por sua vez, ao diabo.

Um fato curioso é que não há no *Vocabulário* a entrada *Fotoqe*, que significa “buda”, embora a palavra apareça em outros verbetes, como o (19) e o (23). Talvez se considere a palavra *fotoqe* já amplamente conhecida, pelo que consideraram desnecessária a sua inserção no dicionário. Já a palavra (19) *Buppô* foi registrada, e aparece com certa frequência em outros verbetes (20), designando, de maneira genérica, a religião

---

<sup>253</sup> Sobre os critérios para o uso de um ou de outro, ainda é preciso mais estudo e a verificação da existência de outros exemplos. Para a leitura corrente, palavras transliteradas com “g” têm-no lido como consoante gutural sonora – do que dever-se-ia pronunciar “momigui” nos dias de hoje, o que não acontece.

budista.

Elementos ritualísticos, como o (17) *arai yone*, também são registrados com algum esclarecimento. Não se trata apenas de arroz lavado, que é a tradução literal da expressão registrada; trata-se do arroz lavado com um propósito religioso, que é o de servir de oferenda para o *cami*, espírito divino no Xintoísmo, religião original do Japão (Cf. FRÉDÉRIC, 2008).

As entradas (18) e (22) são palavras usadas para designar os sacerdotes budistas. (18) *Bonzô* seria o sacerdote mais comum, sem nenhuma prerrogativa e com limitada autoridade (daí o comentário “sem dignidade” no verbete). Já (22) *gobô*, tendo o mesmo significado, teria um uso diferente: seria uma espécie de expressão de tratamento, usada por quem dirigisse a palavra diretamente ao sacerdote. A língua japonesa é marcada por traços de hierarquia no discurso, de que a linguagem honorífica é um exemplo. Esta nuance também se vê explicitada no *Vocabulário*.

#### **4.4. Lugares**

Palavras relativas a lugares (entendidos de amplo modo) também são relevantes para os que estão aprendendo uma nova língua, mesmo em nível iniciante. Algumas delas:

- (24) *Facariya. Casa onde se fazem balanças que se usam em Iapão, & na China.*
- (25) *Inaca. Aldea, ou lugares fora dalgüavilla, ou cidade principal. Geralmente fora do Goquinaise diz, Inaca.*
- (26) *Machi. Ruas de casas que vão continuadas, & enfiadas: & ainda que este he o propriosêtido desta palavra, tambem se toma no vulgo por povoação, villa, ou cidade.*
- (27) *Tôfuya. Casa onde se fazem, ou vendem aquella maneira de queijos feitos de grãos mollesna goa, e moidos.*

A palavra (25) *inaca* é muito comum ainda hoje, e refere-se genericamente ao “interior”, à zona rural. O lexicógrafo diz “fora do *Goqinai*”, mas não há a entrada *Goqinai* no *Vocabulário*. Talvez seja uma palavra muito conhecida de todos, como *fotoqe*, mencionada anteriormente. Palavras terminadas em *-ya* costumam referir-se a lojas e estabelecimentos comerciais, de que são exemplos (24) *facariya* e (27) *tôfuya*, típicas do Japão e da China. A palavra (26) *machi* merece atenção especial dada à pluralidade de sentidos que abarca, podendo significar uma rua estreita

ou uma cidade inteira.

#### **4.5. Costumes**

A diferença de costumes é algo que pode em muito atrapalhar o bom relacionamento, especialmente entre quem desfruta de convívio próximo. Como os jesuítas buscavam cada vez mais inserir-se nos grupos sociais, especialmente no nível das lideranças, era preciso atentar para a linguagem dos gestos, das tradições. Fosse algo intrínseco (uma ideia, um sentimento, um princípio ético) ou extrínseco (vestimenta, porte, cumprimento), cada costume registrado era útil e deveria ser aprendido. Dos exemplos abaixo, (28) diz respeito a costumes intrínsecos; os demais, a costumes extrínsecos.

(28) *lingui. Duas virtudes moraes, & políticas que os Iapões, & Chinas muito estimão, que são amor, & compaixão do proximo, & primor, respeito ou modestia. ¶ Inguiuomopparatosuru. Fazer caso, & ser amigo destas duas virtudes moraes.*

(29) *Moxi. Voz com que se chama peñoa honrada como quem diz, olhe que lhe quero dizer.*

(30) *Naguetçuqe. Modo de amarrar os cabelos da cabeça botados pera de tras. Vt, Camiionadetcuqeniyü. Amarrar os cabelos desta maneira. ¶ Item, o mesmo homem que traz desta maneira os cabelos amarrados.*

(31) *Reixen. Reino jeni. Caixas que se apresentam, ou offerecem, visitando a alquem.*

Os japoneses dão muita importância aos ritos e às maneiras. Destarte, era preciso que os jesuítas estivessem atentos a certos modos e entendessem certos valores. Para bem comunicar aos japoneses, os jesuítas precisavam bem compreender seu pensamento, sua lógica, sua mundividência. Este comunicar não se limita ao falar ou ao escrever, mas ainda ao corresponder à atitude esperada nas relações, conforme a etiqueta e/ou as regras de tratamento bastante hierarquizadas na sociedade japonesa.

#### **4.6. Jargão e metalinguagem**

Os exemplos abaixo apresentam palavras de entrada com anotações relativas a grupos de pessoas aos quais se restringia o seu uso (jargão) e palavras munidas de comentários sobre o contexto em que elas devem ser utilizadas (metalinguagem). Do primeiro tipo são (32) e (34); do segundo, (33) e (35).

- (32) Iunriü. *O correr do sangue livremente pelas veas. Palavra de médicos.*
- (33) Qifen. *Palavra que se escreve no sobre escrito das cartas: como quem diz, resposta para voßa mercê, &c. posto que nas cartas dos seculares, fora da Igreja não corre esta palavra.*
- (34) Safa. i, Saqe. *Vinho. He palavra de mulheres.*
- (35) Sonxu. *Santo Senhor: não se usa senão falãdo de Deos nos livros da Igreja.*

#### **4.7. Lendas**

Como as entradas relacionadas à religião, as relacionadas a lendas japonesas também são frequentes, embora nem tanto. À primeira leitura, os seguintes exemplos chamaram a atenção:

- (36) Reiqi. *Cagado, ou tartaruga, cujos sinaes, & vincos que tem nas costas, vendo hum homem antiguoaprendeo muitas cousas de Astrologia.*
- (37) Riügün. *Reino, ou republica de lagartos, que imaginão os gentios aver dentro do mar.*
- (38) Tanabata. *Duas estrellas aßi chamadas que estão na via lactea de fronte hũa da outra. ¶ Item, o septimo dia da septimalia em que se asoalha, ou tira fora fato, & roupa, &c. & se offerece a aquellastrellas. ¶ Tanabatanofi. Dia em que fazem esta cerimonia. ¶ Tanabatanomatçuri. Ceremonia, ou sacrificio, & festa que fazem a estas estrellas.*

Apesar de registradas, estas palavras não trazem uma explicação detalhada, senão apenas geral. Mesmo a (38) *tanabata*, que é uma lenda marcante na cultura japonesa, não recebe informações detalhadas sobre a cerimônia ou a lenda em si.

#### **4.8. Artes**

Boa parte dos vocábulos encontrados que se enquadram na categoria das artes referem-se à literatura. Acolhemos nesta categoria apenas conceitos, terminologias e práticas relacionadas às artes. Ferramentas e materiais, por exemplo, são listados na primeira categoria, de objetos.

Alguns exemplos são:

- (39) Chõca. Nagai uta. *Certo genero de versos.*
- (40) Qinqi. Coganenovtçuuamono. *Vaso de ouro.*
- (41) Tanca. Mijicaivta. *Versos, ou cantigas breves.*

Esta é uma tentativa de categorizar as entradas específicas a fim

de melhor estudá-las. Alguns verbetes se apresentaram de difícil categorização, pois poderiam ser encaixados em mais de uma categoria. Por exemplo, o nome de um personagem mitológico, como uma divindade xintoísta de fundação, caberia melhor em religião ou em lendas? Uma determinada interjeição, com uso específico e contexto restrito, caberia melhor em metalinguagem ou costumes? A tipologia que apresentamos é, como deixamos claro desde o início, tentativa. Tanto as categorias sugeridas quanto os critérios para o pertencimento a qualquer delas podem e devem ser revisados.

### **5. Considerações finais**

Estudar o que chamamos de entradas específicas pode contribuir para enxergar o papel dos lexicógrafos como auxiliadores do processo tradutório. Sua perspectiva expressa nos verbetes, ainda que marcada por inevitável etnocentrismo, é determinante para a formação de outros tradutores/intérpretes, em um contexto de grande diferença cultural, o que torna seu trabalho ainda mais relevante e complicado.

Algo a ser pesquisado em seguida, no aprofundamento de um estudo sobre os lexicógrafos como autores, seria o perfil do grupo que atuou na elaboração do *Vocabulário*. Comparar os verbetes das entradas específicas e analisar as escolhas feitas pelos lexicógrafos ao registrar (ou deixar de registrar) determinadas informações pode nos conduzir a novos estudos. Além disso, seria de grande contribuição investigar paralelamente, em documentos históricos e outras fontes, quem seria os japoneses “naturaes entendidos” na língua japonesa, mencionados no prólogo. Qual o perfil dos japoneses que ajudaram os jesuítas na elaboração do *Vocabulário*?

Ospesquisadores que encontramos apresentam denominações e tipologias a partir da língua em uso. Seu alvo são os elementos registrados em um contexto e o “problema” de tradução gerado na inexistência de uma palavra equivalente. Um dicionário possui entradas (ou palavras-entrada) que ali se encontram para consulta e, embora alguns verbetes possam apresentar exemplos, estes não são requisito nem traço marcante.

Embora seja óbvio o entrelaçamento de língua e cultura e haja muitas propostas de denominação e critérios para definir o fato de uma palavra em uma determinada língua não ter correspondente em outra língua, ainda assim julgamos pertinente dar a tais palavras a nova designa-

ção de *entradas específicas*, partindo de sua verificação no caso do *Vocabulário da Lingoa de Iapam e* propondo uma tipologia própria, a partir de outras tipologias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AIXELÁ, Javier Franco. Culture-specific items in translation. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M.C.C.-Á. (Eds). *Translation, power, subversion*. Topics in Translation, v. 8. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1996. p. 52-78

ASSUNÇÃO, Carlos. Portuguese missionary work and inter-linguistic contact in the East. *Metamorfoses: 25 anos do Departamento de Letras, Artes e Comunicação*, p. 91-117, 2011.

DAVIES, E. A Goblin or a Dirty Nose? The Treatment of Culture-Specific References in Translations of the Harry Potter Books. *The Translator*, 9(1), p. 65-100, 2003.

FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão: dicionário e civilização*. São Paulo: Globo, 2008.

GOTTLIEB, H. Subtitling Against the Current: Danish Concepts, English Minds. In: DÍAZ CINTAS, J. (Ed.). *New Trends in Audiovisual Translation*. Briston, UK and Tonawanda, NY: MultilingualMatter, 2009. p. 21-43

JANEIRA, Armando Martins. *O impacte português sobre a civilização japonesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

JESUÍTAS. (1603) *Vocabulário da Lingoa de Iapam com adequação em Portugues*, feito por algvns padres, e irmãos da Companhia de Iesv. Nangasaqui, Collegio de Iapam da Companhia de Iesvs. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31233110s>.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*, v. 4, n. 3, p. 141-47, São Leopoldo-RS, set./dez. 2006.

LEPPIHALME, R. Realia. In GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (Eds). *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2010. V. 2. p. 126-30

NEWMARK, P. Translation and Culture. In: LEWANDOWSKA-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

TOMASZCZYK, B.; THELEN, M. (Eds). *Meaning in translation*. Frankfurt am Main and New York: Peter Lang, p. 171-82. (com a categorização revisada)

PEDERSEN, J. *Subtitling Norms for Television*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2011.

TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzzu. *Historiografia da Linguística Brasileira*. São Paulo: CEDOCH – DL/USP, 2004. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/cedoch/textos/boletim7\[199-224\].pdf](http://www.fflch.usp.br/cedoch/textos/boletim7[199-224].pdf).

VERDELHO, Telmo. O Vocabulário da língua de Iapam (1603), uma fonte inexplorada da lexicografia portuguesa. (Giovani Ruffino, org.), *Attidel XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Palermo, 18-24 Setembro, 1995). Vol. III (Lessicologia e semanticadelle lingue romanze). Tübingen, Max Niemeyer Verlag. Disponível em: [http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Vocabulario\\_Lingoa\\_Japam.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Vocabulario_Lingoa_Japam.pdf).